



Rascunho de paz

# Israel planeja controle militar de Gaza sem prazo para acabar no pós-guerra

— Proposta de Netanyahu deixaria a administração civil com autoridades locais sem vínculos com terrorismo, mas inviabilizaria criação de Estado palestino no curto prazo

TEL-AVIV

O primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, divulgou ontem seu plano mais detalhado até o momento para o pós-guerra na Faixa de Gaza. O documento materializa declarações anteriores do premiê, com a promessa de Israel manter o controle militar sem prazo de saída do território, enquanto a administração civil ficaria nas mãos de palestinos que não tenham vínculos com o Hamas.

O plano foi mal recebido pelos palestinos, que o chamaram de “fadado ao fracasso”, e não satisfaz os EUA, maior aliado de Israel, que defendem a soberania palestina após o fim da guerra. Se concretizado, o projeto inviabiliza a criação de um Estado palestino em Gaza e na Cisjordânia ocupada no curto prazo.

O documento apresentado por Netanyahu reitera a posição israelense contra o “reconhecimento unilateral de um Estado palestino” por considerá-lo “uma forma de recompensa ao terrorismo”. Ele estabelece ainda duas zonas tampões que seriam controladas por Israel por tempo indefinido.

**OBJETIVO.** A primeira seria estabelecida na fronteira de Gaza com o Egito, o que aumentaria as tensões com o governo egípcio e pressupõe uma invasão à cidade de Rafah. A outra

seria ao longo da fronteira israelense com Gaza, com o controle israelense de uma faixa de território dentro do enclave, onde hoje os militares estão demolindo casas e prédios.

Em relação à administração civil, os gestores seriam escolhidos a dedo por Israel entre os moradores locais sem vínculos com países e entidades que apoiem o terrorismo. Embora o projeto não mencione explicitamente a Autoridade Palestina, que administra partes da Cisjordânia ocupada, a menção a moradores de Gaza afasta o envolvimento do principal grupo político palestino.

**Proteção**  
**Plano de Israel**  
**pretende dificultar um**  
**ataque como o que ocorreu**  
**no dia 7 de outubro**

O plano, como esperado, também pede o fechamento da UNRWA, a agência da ONU para refugiados palestinos, que tem forte atuação na Faixa de Gaza. Em janeiro, Israel acusou funcionários da organização de cooperar com o Hamas — a acusação foi questionada por um relatório de inteligência dos EUA.

A intenção de Israel com o plano é dificultar um ataque como o que ocorreu no dia 7 de outubro, quando terroristas do Hamas mataram 1,2 mil pessoas em território israelense.

A Autoridade Palestina chamou a proposta de “colonialista e racista” e disse que ela equivaleria à reocupação israelense de Gaza, como antes de 2005. “Se o mundo estiver genuinamente interessado em ter segurança e estabilidade na região, deve pôr fim à ocupação de Israel de terras palestinas e reconhecer um Estado palestino independente com Jerusalém como sua capital”, declarou Nabil Abu Rudeineh, porta-voz do presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas.

**ACORDO.** Esta é a primeira vez que os planos de Netanyahu para Gaza foram reunidos em um único documento. A divulgação foi feita no mesmo dia em que autoridades israelenses voaram para Paris para se reunir com diplomatas de Catar, EUA e Egito em um esforço para obter um acordo de cessar-fogo em troca da libertação de mais de 100 reféns que permanecem em poder do Hamas em Gaza.

Embora as autoridades israelenses afirmem que estão abertas a um acordo para suspender o combate e libertar os reféns, o governo de Netanyahu rejeita um cessar-fogo permanente. A pressão internacional, no entanto, cresce à medida que o número de mortos aumenta.

Em quatro meses de guerra, 29,5 mil palestinos, entre civis e membros do Hamas, foram mortos por Israel, de acordo

## Exigências de Israel

### ● Controle civil

Netanyahu pretende entregar o controle administrativo a “partes interessadas locais com experiência gerencial” que “não sejam afiliadas a países ou entidades que apoiem o terrorismo”. A referência ao terrorismo tem como objetivo excluir qualquer pessoa que, segundo Israel, tenha conexões com o Hamas. Embora o documento não mencione explicitamente a Autoridade Palestina, o órgão que administra partes da Cisjordânia ocupada por Israel, a referência aos residentes locais exclui implicitamente a liderança do grupo chefiado por Mahmoud Abbas.

### ● Fim da UNRWA

Israel quer dismantlar a principal agência da ONU que opera em Gaza. Em janeiro, o governo de Netanyahu acusou 30 funcionários da UNRWA de participarem do ataque de 7 de outubro. Os

chefes da agência dizem que ela tem mais de 13 mil funcionários em Gaza, que não é possível controlar as lealdades políticas de todos eles.

### ● Reformas

Israel defende uma reforma ampla dos sistemas de educação e bem-estar social de Gaza. O governo israelense afirma que as escolas e outras instituições públicas do enclave palestino fomentam o extremismo e o antisemitismo.

### ● Oposição à Palestina

O plano israelense se opõe ao reconhecimento internacional de um Estado palestino e reafirma que uma solução final para o conflito só pode ser alcançada por meio de negociações bilaterais — uma rejeição implícita das sugestões de países como Reino Unido e França de que poderiam reconhecer unilateralmente a Palestina. Netanyahu já havia rejeitado a criação de um Estado palestino independente, mas essa ideia não seria um consenso dentro de Israel.

com o Ministério da Saúde de Gaza, controlado pelo Hamas.

O plano divulgado ontem atraiu pouca reação da extrema direita israelense, que faz parte da base política de Netanyahu e cujos líderes esperam recuperar a Faixa de Gaza com colonos judeus após o fim

da guerra. O documento evita qualquer manifestação de apoio ao reassentamento de colônias em Gaza, mas não descarta a possibilidade, uma omissão que parecia ser um tentativa de evitar uma rebelião na coalizão radical do governo. ● NYT e AP

## Os obstáculos do plano de Bibi

### Pressão por Estado palestino se choca com proposta israelense

O plano para o pós-guerra em Gaza do primeiro-ministro de Israel, Binyamin Netanyahu, parece manter seu governo em rota de colisão com os EUA e grande parte do mundo sobre o futuro do enclave palestino. A seguir, os principais pontos de atrito entre o que Netanyahu propôs e o que outros governos exigem após o fim da guerra.

### Estado palestino

O governo americano e os países árabes exigem que tanto Gaza quanto a Cisjordânia ocupada se tornem parte de um futuro Estado palestino, convivendo ao lado de Israel, argumentando que décadas de conflito só podem ser resolvidas com uma eventual solução de dois Estados.

### Fronteira com o Egito

O plano de Netanyahu pressupõe o fechamento da fronteira de Gaza com o Egito — a única passagem do território palestino que não é controlada por Israel —, a fim de evitar o que o premiê descreve como “contrabando transfronteiriço”. Isso seria feito

em coordenação com o Egito e com o apoio dos EUA, segundo sua proposta. Resta saber se o governo egípcio aceita perder o controle da fronteira, o que é bastante improvável.

### Zona tampão

O plano prevê um “espaço de segurança” dentro de Gaza ao longo da fronteira com Israel, para evitar outro ataque como o de 7 de outubro, quando terroristas do Hamas cruzaram a fronteira e mataram 1,2 mil pessoas em Israel. O Exército israelense já está limpando a área, demolindo dezenas de casas e fábricas, provocando condenação internacional. Especialistas

da ONU disseram que a demolição sistemática de casas palestinas poderia constituir um crime de guerra. Os EUA rejeitaram qualquer redução permanente no tamanho do território de Gaza, embora tenham sinalizado que poderiam apoiar uma zona tampão temporária, por exemplo, para permitir que os israelenses deslocados retornem às comunidades fronteiriças. Netanyahu defende que a zona tampão deva durar “enquanto houver necessidade de segurança”.

### Autoridade Palestina

O governo dos EUA pede que uma Autoridade Palestina “revitalizada” — chefiada

pelo líder Mahmoud Abbas, que está envelhecido — assuma as rédeas na Faixa de Gaza após a retirada israelense. A organização palestina já administra algumas áreas da Cisjordânia ocupada por Israel. No entanto, a proposta do premiê de Israel prevê que o controle administrativo civil do enclave palestino seja entregue a “autoridades locais com experiência gerencial” e “não sejam afiliadas a países ou entidades que apoiem o terrorismo”. Isso, provavelmente, exclui o governo de Abbas em sua forma atual, que Netanyahu já havia criticado em termos idênticos.